

EDITORIAL

Todo homem faz a experiência da ameaçabilidade, seja na vida que o cerca, seja dentro de si. Sai pela rua e encontra uma casa com dois soldados à porta. Por que? Quem mora dentro se sente ameaçado, e defende-se. Esta experiência se repete a cada passo. Os homens se defendem, porque se sentem ameaçados. Toma um livro de história, e aprende que os senhores medievais construíam seus castelos, como verdadeiras fortalezas, bem no alto das colinas. Circundavam-os poderosos muros, e bem em cima as ameias mostravam que por detrás se escondiam soldados com suas armas. Estes senhores se sentiam ameaçados. Defendiam-se. Mais perto de nós, ouvimos falar tanto da célebre linha Maginot, construída antes da segunda guerra, para defender a França de eventual ataque da Alemanha. Abre-se um jornal, hoje, e lê-se dos planos gigantescos dos EE.UU. para construir uma defesa contra possíveis mísseis interplanetários inimigos.

O homem chega à conclusão de que a ameaça de fora é uma realidade que pervade continuamente sua existência. Mas enquanto o ataque vem de fora, parece que a defesa é mais fácil. Sua experiência torna-se mais viva, quando percebe que

em muitos casos os inimigos são os de casa. Aí sua situação de ameaçabilidade cresce. Se o ladrão vem de fora, colocamos grades nas janelas, trincos especiais nas portas. Mas se o ladrão mora dentro de minha casa, se êle vive junto a mim, não sei como defender-me. Cresce minha insegurança.

Quando um país sente que o inimigo não vem de fora, mas êle está dentro, infiltrado, às vêzes bem dentro das próprias fôrças de defesa, a situação se torna grave. O perigo cresce.

Assim as grandes nações, enquanto os inimigos eram as outras potências, se preparavam, se armavam, aperfeiçoavam seus sistemas de defesa. Mas a situação começou a tornar-se crítica, no momento em que perceberam que as fôrças de crítica, de protesto, eram sua própria juventude, seus próprios intelectuais, seus próprios homens de reflexão e pensamento.

Esta experiência está vivendo todo o mundo. Também a Igreja Católica não está isenta de tal realidade. Enquanto os inimigos vinham de fora, enquanto aquêles que a criticavam eram os ateus, racionalistas, liberais, ela se sentia como que confirmada em sua posição. Os inimigos não podem compreender nossa realidade. Sofre-se, mas fica-se confirmado na própria posição. Assim caminhou tranqüila a teologia, a apologética da Igreja. Aquêles que de dentro se insurgiam de modo violento e virulento, eram chamados a uma retratação, se não o fizessem, eram tranqüilamente excluídos, restabelecendo a ordem dentro dela.

Mas, hoje, a situação é diferente. São fôrças vivas, autênticas, sinceras, conscientes de ser Igreja, que a colocam em estado de crítica, de exame, de revisão.

Tal experiência se alarga também à vida religiosa. Ela fôra sempre atacada. Fôra sempre criticada. Não é nenhuma novidade. Mas quanto mais se atacava a vida religiosa, mais ela se sentia fortificada. Em última análise sempre havia um último argumento: a realidade da vida religiosa é uma participação do mistério da cruz de Cristo. Este mistério será sempre atacado, ininteligível, pelos que vivem no mundo. Assim o religioso continuava tranqüilo na sua vida contemplativa, entregue as suas austeridades rigorosas ou vivendo a vida de doação no serviço aos doentes, no magistério, e em mil outras formas. Mesmo depois da segunda guerra, certas ordens muito austeras, ainda em países de muita riqueza como nos EE.UU., viram florescimento surpreendente.

Pouco a pouco a crítica começou a surgir dentro das fileiras dos religiosos. Já não eram mais religiosos levianos, desejosos de conciliação impossível entre a vida religiosa e a mundaneidade cômoda, mas pessoas sérias, conscientes, esclarecidas. Homens espirituais, teólogos, começam a questionar muitos elementos da vida religiosa. Tal questionamento tem crescido nos últimos 10 anos de modo volumoso. Assim um silêncio teológico sobre a vida religiosa se transformou num alarido esfuziante de artigos e livros, ora orientando, ora desorientando, sobretudo os religiosos mais simples e cuja motivação não tinha sido testada por visão crítica.

As teologias da vida religiosa se multiplicam. Uns, desejosos de encontrar a explicação do presente nas fontes puras do passado, tentam descobrir nas primeiras experiências religiosas dos eremitas e nas regras de S. Pacômio, S. Basílio, S. Bento, luz para uma renovação da vida religiosa

hoje. Outros, mais voltados para o futuro, buscam encontrar nas ousadas experiências que se fazem, por tôdas as partes, pontos que ajudem a traçar as linhas do futuro. Muitos, preocupados com a aproximação da vida religiosa com a vida leiga, com sua perda de contornos, se esforçam por descobrir o elemento específico da vida religiosa. Querem indicar claramente quais são os pontos fundamentais, essenciais, sem os quais não seria possível uma vida religiosa. Nem se precisa dizer que se perdem dentro de uma floresta de experiências, de pessoas que se sentem consagradas, em forma de fraternidade, de só religiosos, de religiosos e leigos, e só de leigos. Finalmente, muitos vêem que, nesta situação complexa, não tem sentido buscar o denominador comum, o específico da vida religiosa, mas o importante é ir descobrindo o pluralismo do momento atual. Cada fraternidade, cada comunidade, cada congregação, cada ordem deve procurar viver seu serviço próprio, autêntico, dentro de uma busca de fidelidade ao evangelho e aos sinais dos tempos.

Neste sentido, uma reflexão mais recente tem procurado descobrir o sentido 'político' da vida religiosa, como realidade carismática dentro da Igreja, com função eminentemente crítica diante das situações de injustiças, de desumanização, que existe, tanto no mundo da opulência, como no mundo do subdesenvolvimento.

Por isso, não estranhe o leitor, que nos diferentes artigos dêste número, encontre idéias, às vezes opostas, mas que querem ser momentos de reflexão, numa busca de luz para a situação atual da vida religiosa. Tem-se hoje, mais do que nunca, a consciência da provisoriedade de muitas reflexões. Mais do que nunca, supõe-se do leitor

um senso de crítica mais agudo, para que no meio de tantas reflexões, saiba descobrir aquilo que o ajude a caminhar, consciente, na vida religiosa que livremente escolheu.

Dedicar um número a vida religiosa, publicando com lealdade artigos, de diferentes mentalidades, sem com isso, querer endossar tôdas as idéias aí expressas, a direção da Revista aceita o risco de poder causar certa perplexidade no leitor. Será no confronto e jôgo das idéias, às vêzes em contraste bem marcante, que poderão sair luzes para nosso momento de reflexão.

A vida religiosa é VIDA. Tôdas as críticas, todos os ataques, vindos de fora e de dentro, não devem levar-nos a atitude pessimista. Antes, a grande esperança. A vida religiosa, libertada então dos entraves, que a sufocam, surgirá mais forte, mais pujante, mais livre, mais pura, sobretudo porque sua última fonte é o ESPÍRITO, sempre nôvo, sempre imprevisível, sempre atuante.